



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A presença de Olavo Redig de Campos nos salões das bienais e sua recepção nas revistas de arquitetura na década de 1950

HERBST, Helio (1);

(1) Professor Doutor, Departamento de Arquitetura e Urbanismo / Instituto de Tecnologia / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, DAU/IT/UFRRJ, Seropédica, RJ, Brasil; e-mail: gerar.ufrj@gmail.com

A presença de Olavo Redig de Campos nos salões das bienais e sua recepção nas revistas de arquitetura na década de 1950

The presence of Olavo Redig de Campos in the biennials' halls and its reception in the Architectural magazines in the fifties

La presencia de Olavo Redig de Campos en los salones de las bienales e su recepción en las revistas de arquitectura en los años 1950

RESUMO

O presente artigo lança algumas considerações sobre a participação de Olavo Redig de Campos nas cinco primeiras bienais São Paulo, por meio de quatro estudos de caso. Apesar de não ser possível identificar com exatidão os porquês da recusa, seleção ou premiação das obras nas mostras, pretendo discorrer sobre a recepção, no sentido cunhado por Hans Robert Jauss, desses quatro projetos nas revistas de arquitetura ao longo da década de 1950. Justifica-se, assim, a escolha de um modelo teórico capaz de considerar a compreensão dos pareceres emitidos pelos juízes e os conteúdos transmitidos pelos críticos. Ressalte-se que o exame da recepção dos projetos visa estabelecer um amplo painel de conexões, capaz de confrontar temas do debate arquitetônico do período, incluindo morfologia, técnica e significado. Por fim, pretendo examinar a importância de Redig para expandir o quadro de referências da modernidade no instante exato em que o seu trabalho passou a conquistar espaços nas bienais e, de algum modo, um lugar na historiografia da arquitetura brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Olavo Redig de Campos, Bienal de São Paulo, crítica de arquitetura

ABSTRACT

This article presents some considerations on the participation of Olavo Redig de Campos in the first five Sao Paulo biennials, through the analysis of four case studies. Although it is not possible to identify the criteria adopted to refuse, select or reward the works in the exhibitions, I intend to investigate the reception, in the sense coined by Hans Robert Jauss, of those projects in the architectural magazines throughout the 1950s. It is justifiable, therefore, the choice of a theoretical framework able to regard the understanding of the opinions issued by the judges and the contents transmitted by critics. It should be stressed that the analysis of the reception of the projects aims to establish a broad panel of connections, confronting themes of the architectural debate of the period, including morphology, technique and meaning. Finally, I intend to question Redig's importance to expand the frame of references of the local modernity at the exact instant that his work went on to conquer spaces in the biennial halls and, somehow a place in the historiography of Brazilian architecture.

KEY WORDS: Olavo Redig de Campos, São Paulo Biennial, architectural studies

RESUMEN

Este artículo presenta algunas consideraciones sobre la participación de Olavo Redig de Campos en las cinco primeras bienales de San Pablo, a través del análisis de cuatro estudios de caso. Aunque no sea posible identificar con precisión los criterios adoptados para refutar, seleccionar o premiar las obras, tengo la intención de investigar la recepción, segundo Hans Robert Jauss, de estos proyectos en las revistas de arquitectura en la década de 1950. Estas cuestiones pueden justificar la elección de un soporte teórico capaz de considerar las opiniones emitidas por los jueces y los veredictos de los críticos. Es de destacar que el examen de la recepción de los proyectos tiene como objetivo establecer una amplia conexión, capaz de enfrenar los temas de debate arquitectónico de la época, incluyendo la morfología, la técnica y el significado. Por último, tengo la intención de examinar la importancia de Redig para ampliar el marco de referencia de la modernidad en el instante exacto en que su obra pasó a conquistar el espacio en las bienales y, de alguna manera, un lugar en la historiografía de la arquitectura brasileña.

PALABRAS-CLAVE: Olavo Redig de Campos, Bienal de San Pablo, crítica de arquitectura.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Até recentemente, a historiografia do moderno brasileiro dedicou pouca atenção a Olavo Redig de Campos. O presente ensaio não pretende elucidar as motivações de tal lapso, mas tão somente investigar a *recepção* de quatro projetos pela crítica especializada na década de 1950. A análise comparativa dos artigos, à luz da fundamentação proposta por Hans Robert Jauss, no âmbito da teoria estético-recepcional, permite evidenciar o tratamento concedido aos trabalhos, cuja recorrência ou aparição eventual podem indicar afinidades ou dissonâncias em relação ao repertório canônico.

Talvez seja possível reconhecer, em Immanuel Kant, uma importante contribuição para o entendimento da *crítica*, considerando-se o papel que desempenha para a construção do conhecimento. Vista como exercício do juízo do gosto, seu princípio determinante é necessariamente subjetivo e ultrapassa os limites do juízo analítico (lançado a priori, por dedução, sem mediação experimental) e do juízo sintético (produzido experimentalmente, por indução, sem contudo produzir conhecimento universal). Kant considerou ser necessária a proposição de um juízo universal, o *juízo sintético a priori*, capaz de fundamentar os princípios mais gerais da ciência. Nele, na formulação do conhecimento o objeto é orientado pelo sujeito.

Nesse raciocínio, nunca apreendemos o real, a “coisa em si”, mas tão somente o real em relação com o sujeito que produz conhecimento. Em sua *Crítica da faculdade do juízo* (1790), Kant investigou os limites daquilo que podemos conhecer pela nossa faculdade de avaliar, recorrendo-se não apenas à razão, mas também à memória e os sentimentos. Por esse viés, talvez seja possível estabelecer paralelos com a teoria estético-recepcional, na medida em que, para Jauss, o juízo estético é necessariamente dependente de um sistema de referências, denominado *horizonte de expectativas*, a partir do qual o observador atribui valor aos objetos artísticos.

A análise da recepção dos projetos de Olavo Redig de Campos não pode desconsiderar o impacto proporcionado pelas bienais para a historiografia do moderno brasileiro. Seja para o visitante leigo, seja para estudantes ou profissionais, as mostras desempenharam um relevante papel para a discussão de conceitos, alicerçando (e até modificando) o juízo do público e da crítica. De modo análogo, as revistas de arquitetura exerceram um papel similar ao dos certames, sendo o exame de seus conteúdos capaz de sinalizar os debates de época segundo o horizonte histórico de seu nascimento. Na presente investigação, as revistas não raro são as únicas fontes disponíveis para mapear uma parcela relevante da produção arquitetônica brasileira, ausente dos arquivos e das publicações referenciais

A fundamentação proposta por Jauss é particularmente relevante aos interessados nos processos de revisão historiográfica, na medida em que questiona os sistemas de referências com os quais são balizados os juízos estéticos, questionando-se os julgamentos enganosamente eternos. Vejamos então, à luz dos conceitos lançados pelo filólogo alemão, de que modo a obra de Redig, no contexto histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas dos críticos.

2. QUEM FOI OLAVO REDIG DE CAMPOS?

Olavo Redig de Campos não recebeu o merecido enfoque nos compêndios sobre o moderno brasileiro. Levando-se em conta os manuais lançados até a década de 1980, apenas Mindlin (1956) teceu comentários sobre o Centro Cívico de Curitiba e analisou com maior profundidade as residências Geraldo Baptista, Homero Souza e Silva (pavilhão da piscina) e Walther Moreira Salles. O exame das publicações mais recentes não aponta mudanças substanciais, na medida em que a seleção de obras arroladas nos estudos continua restrita aos trabalhos supramencionados.

Entre os últimos títulos de nossas principais editoras, Redig aguarda oportunidade compor um volume monográfico específico. Em âmbito acadêmico, sua trajetória não constitui objeto particular de nenhuma dissertação ou tese, até onde foi possível apurar. Alguns de suas criações, porém, compõem como tema central de investigação, a exemplo da minucioso exame da residência Moreira Salles feita por Mauro Nogueira (2005) na tese *Da análise ao projeto: elementos invariantes da qualidade do edifício*.

A Assembleia Legislativa do Paraná, desenvolvida como parte integrante do plano urbanístico do Centro Cívico de Curitiba, constitui objeto de três dissertações de mestrado. *Sérgio Rodrigues: arquiteto e desenhista de móvel*, de Tânia Galvão (2001), problematiza a produção arquitetônica de Sérgio Rodrigues, por meio da análise do Centro Cívico e de um modelo de pré-fabricação residencial em madeira.

Arquitetura moderna no centenário de emancipação política do Paraná: a construção de um marco de referência, de Josilena Gonçalves (2001), e *Centro Cívico de Curitiba: um espaço identitário*, de Oscar Mueller (2006), constituem relevantes exemplos de reflexão sobre o projeto. Ambas discorrem sobre o seu contexto de implantação e lançam uma leitura crítica sobre a obra, observando-se seus edifícios isoladamente e em conjunto.¹

Vale salientar que os trabalhos acima mencionados constituem amostragem bastante limitada se comparada à extensa lista arrolada na síntese curricular apresentada pelo filho do arquiteto, Joaquim Redig de Campos². Carioca de nascimento, o pequeno Olavo mudou-se aos cinco anos para a Europa. Após o desfecho da Primeira Grande Guerra, instalou-se na Itália, onde concluiu os estudos secundários e graduou-se pela Escola Superior de Arquitetura de Roma. De volta ao Rio de Janeiro, atuou na construtora Gusmão, Dourado & Baldassini e na firma Freire e Sodré. Nesse período de adaptação, o jovem dizia “ser um estranho em seu próprio país”³.

Em 1936, assumiu a chefia da Carteira Predial da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Central do Brasil. Seis anos depois, passou a exercer a presidência na mesma repartição. No cargo, além de assinar residências e conjuntos habitacionais, elaborou um plano

¹ Cumpre ressaltar as relevantes interpretações sobre o projeto formuladas por Gnoato (1997) e Dudeque (2001).

² O designer Joaquim Redig esclareceu diversas questões e franqueou o acesso a valiosa documentação composta dos seguintes títulos: *Curriculum Vitae* (três páginas datilografadas, sem assinatura e data); *Curriculum Vitae* (seis páginas datilografadas, sem assinatura e data); *Olavo por ele mesmo* (quatro páginas datilografadas, sem assinatura, com data - 1980 - e título manuscritos), *Olavo Redig de Campos* (três páginas datilografadas, sem assinatura e data) e *Projetos em Brasília* (oito páginas manuscritas, sem assinatura e data).

³ In: *Olavo Redig de Campos*, s/l, s/d, p. 1.

de urbanização no subúrbio carioca da Piedade e conheceu todos os cantos da cidade, a ponto reconhecer “qualquer lote situado nos arredores das linhas da Central ou da Leopoldina.”⁴

Em 1946, tornou-se de assistente do ministro Djalma Lessa, chefe do Serviço de Conservação do Patrimônio no Itamaraty. Pouco tempo depois, assumiu a chefia e nela permaneceu durante 30 anos. Conforme o relato *Olavo por ele mesmo*,

Esse período, a princípio monótono, com o trato de problemas técnicos e administrativos, foi-se tornando cada vez mais interessante, na medida em que iam crescendo em tamanho e complexidade as tarefas propostas pelo Patrimônio do Itamaraty. Foram, em princípio, reformas de próprios nacionais no exterior e, em seguida, os problemas mais complexos de avaliação e parecer sobre propostas de instalação de novas sedes para as embaixadas brasileiras. Viriam, por fim, o interesse profissional que tais temas podiam apresentar, seguidos da contratação e execução desses trabalhos no exterior. Entre esses se destacam, por sua importância excepcional, as chancelarias de Washington, Lima e Buenos Aires (inacabada), as residências de Beirute e de Dakar, além do Monumento erigido em Pistoia, em memória da Força Expedicionária Brasileira. (REDIG DE CAMPOS, 1980, p.3)

Na década de 1950, manteve intensa atividade profissional, sendo mencionados nos documentos a residência Moreira Salles, o edifício-sede do Unibanco e o Centro Cívico de Curitiba, desdobrado entre o plano urbanístico, assinado coletivamente, e os demais edifícios que compõem o empreendimento, cabendo a Redig o desenvolvimento da Assembleia Legislativa.

Por volta de 1970, mudou-se para a Brasília e intensificou a sua atuação no exterior, para acompanhar a execução de diversas representações oficiais brasileiras, entre as quais se inscrevem a residência do embaixador em Beirute, para a qual desenhou um painel de azulejos. O mesmo esforço de identificação com o espírito do lugar compareceu na proposição de diversas chancelarias, a exemplo de Washington, popularmente conhecida como o “edifício flutuante” da Massachusetts Avenue.

Na capital federal, colaborou na reforma da Granja do Ipê e da residência do ministro de Relações Exteriores. Também atuou nos projetos de interiores do Palácio do Planalto e do Palácio do Itamaraty. Em 1976, aposentou-se do serviço público mas continuou na ativa, elaborando mais de vinte obras, a exemplo das residências dos embaixadores Meira Penna e Rubens Ricupero. Em maio de 1984 faleceu no Rio de Janeiro.

3. A PRESENÇA DE OLAVO REDIG DE CAMPOS NAS BIENAIS

Ao longo da década de 1950, as bienais paulistanas abrigavam, além das mostras de arte, as Exposições Internacionais de Arquitetura (EIA), organizadas em parceria entre o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) e o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Antecessoras das atuais Bienais Internacionais de Arquitetura (BIA), as EIA conquistaram ampla repercussão de público e crítica, conforme atestam os manuais e periódicos lançados naqueles anos. Nas cinco primeiras edições das bienais, qualquer arquiteto podia submeter trabalhos para apreciação do júri.

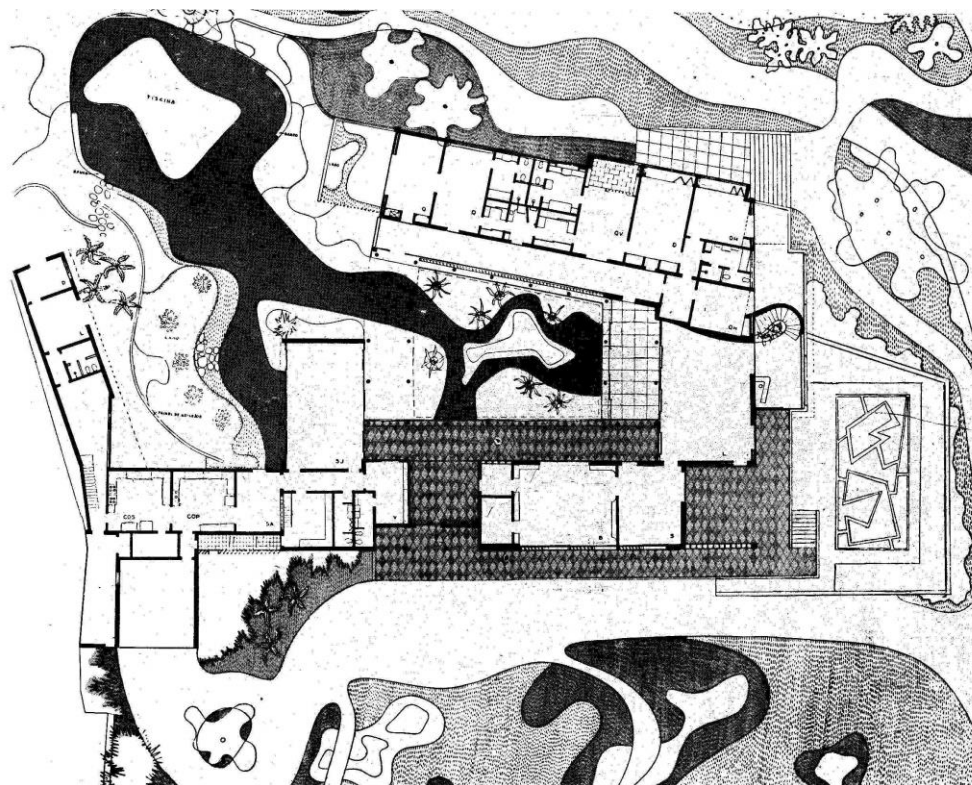
⁴ REDIG DE CAMPOS, Olavo. *Olavo por ele mesmo*. Datilografado, s/l, 1980, p. 2.

No recorte temporal selecionado, Redig apresentou quatro trabalhos. Na I EIA, em 1951, expôs a residência Moreira Salles. Na II EIA, realizada entre 1953 e 1954, inscreveu três obras. Duas delas foram aceitas: o projeto da Assembleia Legislativa do Paraná e o plano urbanístico do Centro Cívico de Curitiba, elaborado em equipe chefiada por David Xavier Azambuja. A residência Geraldo Baptista, recusada pelo júri de seleção, foi novamente submetida à apreciação do júri na IV EIA, em 1957, sendo aceita para exibição nesta ocasião.

3.1 RESIDÊNCIA WALTHER MOREIRA SALLES

Trata-se de um palacete implantado no bairro carioca da Gávea. O programa se desenvolve em torno de um pátio virtualmente delimitado em um de seus lados por uma marquise ondulada de concreto. O projeto associa elementos clássicos, indicados pelo desenho de piso em mármore italiano Rosso Verona e Botticino e pelo ritmo e proporção da fenestração e das colunatas; tradicionais, expressos pelos treliçados de madeira; e modernos, presentes na setorização funcional e na adoção da planta livre. A separação do bloco principal com o de serviços é feita por meio de um anteparo curvo de alvenaria, sobre o qual se insere um painel de Roberto Burle Marx, autor da proposição paisagística. Apesar de não receber prêmio na categoria habitacional, a residência Moreira Salles é um dos raros exemplos de obra participante de duas bienais. Além integrar a mostra inaugural, sua concepção paisagística foi exposta na II EIA. Na ocasião, recebeu o prêmio da categoria Problemas Vários.

Figura 1: Residência Moreira Salles. Estudo de composição paisagística. Planta baixa.



Fonte: UMA CASA NO RIO DE JANEIRO, 1952.

Talvez seja possível creditar à implantação da residência Moreira Salles (figura 1) a configuração

de quatro núcleos de convivência externa: entrada, jardim geométrico, pátio central e piscina. No primeiro, prevalecem as forrações de texturas diversas, em canteiros de formas curvilíneas que emolduram o portal de acesso da residência, cuja monumentalidade evoca as vilas de Pompeia. O segundo núcleo, denominado jardim geométrico, ocupa um platô contíguo aos ambientes de estar. No terceiro, destaca-se o espelho d'água que reflete o painel de azulejos que divide os setores social e de serviços. O último setor corresponde ao pátio central. Nele, reitera-se a singular fusão entre modernidade e tradição, expressas pelo arrojo da marquise ondulante de concreto e pelas treliças de madeira que protegem as aberturas do corredor de acesso aos dormitórios.

3.2 RESIDÊNCIA GERALDO BAPTISTA

Obra residencial recusada na II EIA, mas posteriormente exposta na IV EIA, conforme atestam os catálogos e as fichas de inscrição localizadas na Fundação Bienal. Do ponto de vista formal, caracteriza-se pelo escalonamento de um prisma regular em planos recuados, de tal modo garantir adequada orientação solar e excelentes visadas aos ambientes de longa permanência. A inclinação da cobertura (ver figura 2), embutida sob platibanda de alvenaria, afirma a horizontalidade da composição, também reforçada pelo tratamento das aberturas no pavimento superior, em faixa contínua, e pela delimitação do arrimo de pedras que expande a varanda contígua à sala de estar para além dos limites do bloco edificado.

Figura 2: Residência Geraldo Baptista. Foto: Alan Weintraub.



Fonte: HESS, 2010.

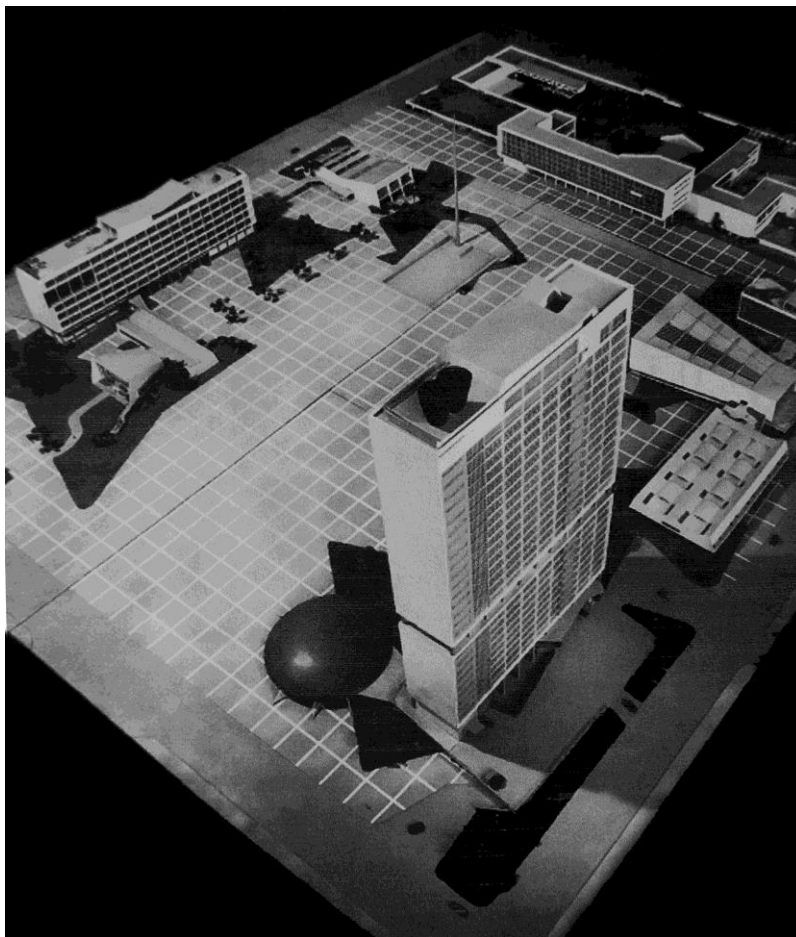
Uma análise mais atenta do projeto revela acuidade no tratamento de detalhes, sendo relevante a utilização de materiais locais. Sua apresentação entre diversas outras importantes realizações da arquitetura brasileira, entre as quais se inscrevem obras de Carlos Frederico Ferreira, David Libeskind, e Oswaldo Arthur Bratke, parece não ter sensibilizado o júri de premiação, que não concedeu o prêmio da categoria Habitação Individual a nenhum trabalho.

3.3 CENTRO CÍVICO DE CURITIBA

Exposto na II EIA, o plano urbanístico do Centro Cívico de Curitiba, assinado por David Xavier de Azambuja, Flávio Amílcar Régis, Olavo Redig de Campos e Sérgio Rodrigues, foi encomendado para as comemorações do centenário de emancipação do Paraná, ocorrido em 1953. Sua realização era prevista desde a década anterior, em plano desenvolvido por Alfred Agache, visando abrigar os edifícios-sede do poder executivo, legislativo e judiciário.

A escolha de Azambuja merece ponderações. Pouco se sabe sobre o arquiteto curitibano. Graduado pela Escola Nacional de Belas Artes, em 1932, tornou-se, na mesma instituição, então denominada Faculdade Nacional de Arquitetura, catedrático da disciplina Composição Decorativa, em 1949. A extensão do convite ao catarinense Flávio Régis, também formado pela ENBA, em 1931, ao carioca Olavo Redig de Campos e ao jovem Sérgio Rodrigues, assistente de Azambuja na FNA, denota preocupação em garantir exiguidade ao empreendimento.

Figura 3. Centro Cívico de Curitiba. Maquete do conjunto.



Fonte: MUELLER, 2006.

O Palácio do Governo (figura 3) ocupa o centro focal da composição. Os blocos que compõem a Assembleia Legislativa, as Secretarias de Estado e o conjunto da Justiça situam-se em extremidades opostas de uma praça monumental, articulada pelo equilíbrio dinâmico entre

volumes de diferentes pesos. A circulação de veículos, canalizada para as vias periféricas, garante uso exclusivo de pedestres no núcleo central.

A implantação dos blocos é determinada pela topografia do sítio, em ligeiro aclive, e pela demarcação de um eixo de orientação norte-sul que atravessa longitudinalmente a praça cívica. Com base nesses atributos, a equipe chefiada por Azambuja distribuiu os edifícios do Centro Cívico seguindo, de certo modo, a disposição prevista pelo Plano Agache (1943). O posicionamento do Palácio do Governo na porção mais elevada do eixo demarca o fim de uma grande perspectiva e constitui o elo concordante entre as duas propostas. O ponto discordante diz respeito à disposição dos edifícios nas extremidades laterais da praça cívica, rompendo com a articulação dos volumes anteriormente prevista.

A distribuição assimétrica dos blocos ao redor de uma grande área pavimentada constitui o elemento definidor da implantação do conjunto. Tal premissa, associada à criação de um eixo monumental, criou contrastes entre os espaços construídos e os vazios resultantes, conferindo ritmo e dinamismo à composição, muito além de valorizar individualmente a sede do poder executivo (Palácio Iguazu e residência do governador), assinada por David Xavier de Azambuja; os blocos do judiciário (Tribunal do Júri, Palácio da Justiça e Tribunal Eleitoral), assinados por Flávio Régis de Souza; e o setor legislativo, elaborado por Olavo Redig de Campos (Assembleia Legislativa, Plenário e Câmara dos Deputados) e por Sérgio Rodrigues (Edifício das Secretarias e cúpula Pagadoria e recebedoria). Na porção noroeste da praça cívica, em extensão capaz de acomodar multidões em datas festivas, a equipe posicionou um espelho d'água do qual emergiria um obelisco de 80 metros, não construído, alusivo ao desenvolvimento do Estado.

De acordo com a documentação localizada na Fundação Bienal, o emprego do modulator corbuseriano é apontado como o principal elemento da composição. Tal recurso pode ser facilmente identificado ao se examinar o dimensionamento dos volumes e a subdivisão dos vãos estruturais e de diversos componentes construtivos. Talvez seja possível afirmar que o tratamento dos volumes possui motivação equivalente às referências expressas na ficha de inscrição na II EIA. A busca de uma expressão arquitetônica arrojada pode ser vista como parte intrínseca ao empreendimento, proposto sob a égide da contemporaneidade, no exato momento em que se comemorava uma efeméride de grande significação local.

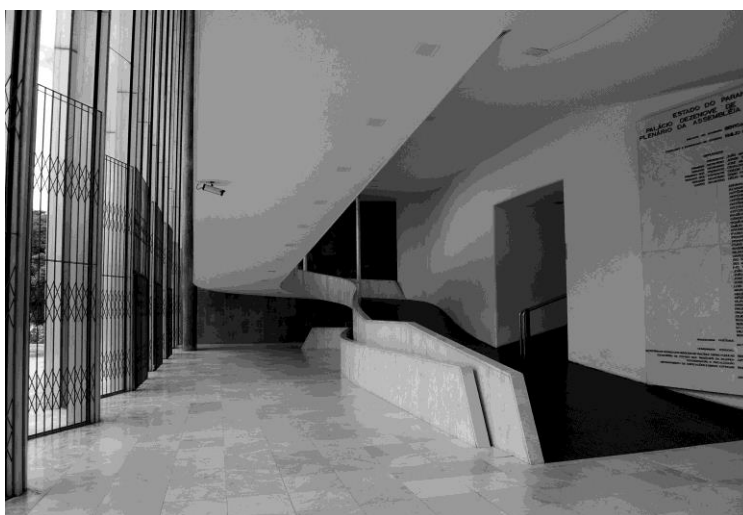
A circulação entre os blocos se configura a partir da distribuição dos volumes, com acessos periféricos para automóveis e destinação exclusiva para o trânsito de pedestres na esplanada central. A porção norte da gleba é ocupada pelo Palácio Iguazu, cuja volumetria, de forte acento horizontal, emoldura um pequeno bosque contíguo à residência do governador. A porção leste da praça concentra os edifícios do legislativo, caracterizados por grande diversidade volumétrica, com destaque para o prisma trapezoidal do Plenário e para a cúpula (não construída) dos serviços de pagadoria e recebedoria, suspensa por pilares inclinados, com 50 metros de diâmetro.

A monumentalidade prevista para o Edifício das Secretarias, de 33 pavimentos, reduzida para um edifício menor gabarito, contrasta com os blocos anteriormente descritos, muito além de sugerir continuidade visual com os edifícios da avenida Cândido de Abreu. Na porção oeste do bloco, encontram-se o Tribunal do Júri, notabilizado pela cobertura em asa de borboleta, e o bloco laminar do Palácio da Justiça, cuja volumetria estabelece um interessante contraponto com o Edifício das Secretarias. O setor judiciário é complementado pelo Tribunal Eleitoral, caracterizado por forte vinculação com o volume trapezoidal do edifício do Plenário, construído no lado oposto da praça cívica.

3.4 ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ

Exposta na II EIA, a Assembleia Legislativa do Paraná (figuras 4 e 5) é composta de três edifícios: Secretaria da Câmara dos Deputados, Plenário e Comissões Técnicas. Em linhas gerais, acompanha os princípios compositivos do conjunto, notabilizado pelo calculado jogo de volumes. A implantação dos blocos que compõem o poder legislativo na porção leste do Centro Cívico cria uma relação de equilíbrio com os edifícios do poder judiciário, situados a oeste, valorizando o eixo monumental encerrado ao norte pelo Palácio do Governo.

Figuras 4 e 5. Assembleia Legislativa do Paraná. Vista geral e detalhe interno de rampas. Fotos Helio Herbst, 2011



Fonte: acervo grupo GERAR/UFRRJ

Seu programa funcional é composto por sala do plenário com capacidade para 40 deputados, secretariado dotado de salas para a presidência, escritórios para funcionários, acomodações para a imprensa, rádio, conjunto de salas para as comissões da assembleia e bancadas com suas respectivas secretarias. Segundo a ficha de inscrição,



Os ambientes exigidos foram dispostos em três edifícios de modo a atender da maneira mais racional às exigências específicas de cada grupo. Os serviços da secretaria foram localizados num edifício de salas corridas em três pavimentos sobre pilotis. O plenário, com seu hall nobre e salão de honra, ocupa o centro do conjunto. Construído sobre pilotis, com iluminação zenital, dispõe de amplas galerias para o público, imprensa, rádio etc. As comissões, constituídas de oito salas de reunião, com respectivas secretárias, foram agrupadas num prédio de dois pavimentos com sobreloja formando galeria para o público e que dispõe, ainda, no pavimento térreo, de garagem e restaurante. O público, que tem acesso ao conjunto por uma rampa de grandes proporções, circula em plano diferente do que está reservado aos deputados, o que lhe permite, sem inconveniente, assistência permanente aos trabalhos legislativos. (AZAMBUJA, 1953)

O Centro Cívico de Curitiba, visto em solução de totalidade urbanística ou na singularidade arquitetônica dos seus edifícios, despertou a atenção da crítica antes mesmo de ser exposto na segunda bienal. Apesar do reconhecimento dos especialistas, suas qualidades não foram capazes de sensibilizar o júri de premiação da II EIA, que não concedeu os prêmios da categoria Edifício Público e da categoria Organização de Grandes Áreas para esta importante realização, que celebra a modernidade para além do eixo Rio-São Paulo.

4. A RECEPÇÃO DE OLAVO REDIG DE CAMPOS NOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA

Durante a década de 1950, todos os projetos de Redig expostos nas bienais foram abordados, ao menos uma vez, em revistas nacionais ou estrangeiras. *Acrópole, Arquitetura e Engenharia, Brasil Arquitetura Contemporânea, Habitat* e *L'Architecture d'Aujourd'Hui* publicaram um total de seis matérias, entre 1952 e 1956. Destas, apenas a residência Moreira Salles integrou uma publicação em data posterior à sua exibição na I EIA. Tal fato indica que a participação de Redig nas bienais não estimulou a proposição de novas análises pela crítica especializada, certamente mais empenhada em registrar os trabalhos premiados nas mostras, conforme apontam os dados de pesquisa anterior realizada por este autor. (HERBST, 2011)

4.1 RESIDÊNCIA WALTHER MOREIRA SALLES

Ao longo do recorte temporal selecionado, a residência Moreira Salles foi tema de um único artigo, veiculado na revista paulistana *Habitat*, criada por Lina Bo e Pietro Maria Bardi em 1950. A matéria, publicada meses depois do encerramento da I EIA e provavelmente editada por Lina Bo, responsável pela seção de arquitetura, constitui um instigante testemunho que ultrapassa a mera descrição de um objeto isolado.

O ensaio (não assinado) considera que a arquitetura brasileira, liberta das amarras do passado, teve o privilégio de se desenvolver sem recorrer a cânones historicamente consagrados. Justamente pela falta de uma tradição, seus arquitetos puderam partir “da última página da história” para ampliar o seu repertório de conceitos, sem que com isso fossem instituídas novas hegemonias. Mas isso não significa que o passado tenha sido rejeitado: implica, ao contrário, que a sua verdadeira reconstituição foi feita por aqueles que almejavam o porvir.

Superado o mecanicismo de Le Corbusier e dos demais mestres do racionalismo, no entender do autor do artigo, a arquitetura brasileira buscou no passado, sem o peso da tradição, novas possibilidades criativas. A realização desta produção não se assentou na irracionalidade ou extravagância. Envolveu, ao contrário, uma proposição amparada pelo conhecimento técnico e construtivo, de cunho artesanal e industrial. Desta conjunção de saberes, surgiram realizações

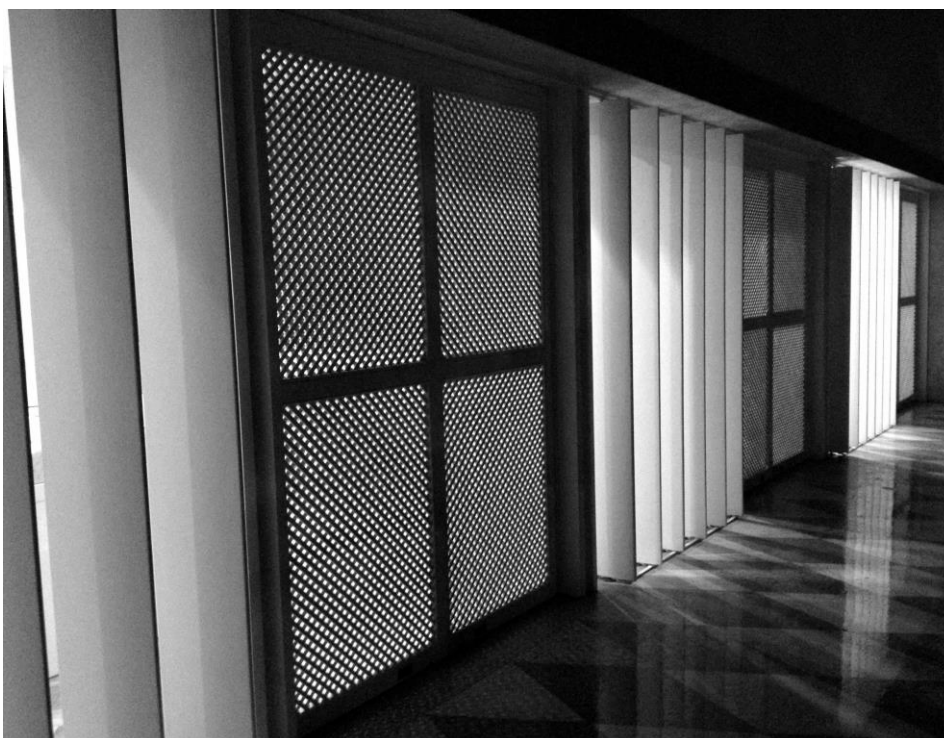
de repercussão internacional, de cujo desdobramento nasceu uma nova designação – escola brasileira – já assim considerada ao par de igualdade com a de Roma.

As premissas lançadas na forma de uma auspiciosa crônica fundamentaram o exame crítico da residência, apontada como uma das mais originais realizações de nossa arquitetura. O ensaio enalteceu a formação italiana de Redig, perceptível na organização do programa em torno de um pátio central.

De acordo com o artigo, o preparo de um arquiteto até então pouco conhecido e apreciado, também se fez presente na perícia técnica dos acabamentos (figura 6), rara entre os profissionais em atividade no país. Entre as soluções de projeto, ganharam destaque a modelagem das delgadas pilastras e o refinado jogo dos tirantes da balaustrada externa.

Cuidada em cada pormenor – desde as esquadrias até as fechaduras – a casa se nos apresenta como um agradável conjunto, decididamente ‘artístico’. Uma riqueza plástica que se combina com a riqueza dos materiais, especialmente dos mármore coloridos, e com a opulência do jardim de Burle Marx. (UMA CASA NO RIO DE JANEIRO, 1952, p.60.)

Figura 6. Residência Moreira Salles. Detalhe noturno da varanda lindeira à biblioteca. Foto Helio Herbst, 2014



Fonte: acervo grupo GERAR/UFRRJ

O compêndio *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956), apontado como a primeira sistematização de fôlego feita desde o emblemático *Brazil Builds* (1943), reitera a leitura feita pela revista *Habitat*. A análise de Mindlin creditou à formação italiana de Redig a articulação de elementos clássicos, tradicionais e contemporâneos, enaltecendo a participação de Burle Marx e a presença de uma escultura giratória e Maria Martins que completa um ciclo a cada 24 horas.

4.2 RESIDÊNCIA GERALDO BAPTISTA

Na década de 1950, a residência Geraldo Baptista foi objeto de investigação em duas ocasiões. A maior quantidade de ocorrências, se comparada ao número de inserções sobre a residência Moreira Salles, não revela um maior aprofundamento analítico. Ambos os artigos, publicados em data anterior à sua exibição na IV EIA, não estabeleceram relações com outras realizações do período, desconsiderando sua contribuição ao panorama da arquitetura brasileira.

A análise de *Habitat* teceu comentários sobre as pesquisas plásticas desenvolvidas a partir da utilização de matérias-primas locais. O artigo incluiu memorial descritivo, acompanhado de planta de situação, plantas baixas e fachadas. As legendas das fotografias não se limitaram a indicar o ângulo da visada, acrescentando comentários não relatados no texto. O artigo, publicado em dezembro de 1955, em edição dirigida pelo crítico Geraldo Serra, inscreve-se em uma fase caracterizada por uma maior atenção aos artigos sobre arquitetura, em comparação às demais seções da revista – artes plásticas, artesanato, desenho industrial etc.⁵

A abordagem de *Acrópole* não se diferencia daquela feita por *Habitat*. Seus elementos textuais, possivelmente assinados por Roberto Fontes Gomes, apenas descrevem os materiais de revestimento, sem contudo formular uma análise crítica das soluções de projeto. A utilização da mesma iconografia, excluindo-se a reprodução dos desenhos das fachadas, constitui o elemento de maior interesse para os leitores da revista paulistana, fundada em 1938 por Roberto Correa de Brito. Na edição de fevereiro de 1956, a Max Guenwald cabia a direção geral e ao arquiteto Juvenal Waetge Junior o cargo de diretor responsável.

Paradoxalmente, as qualidades da residência Geraldo Baptista não sensibilizaram os principais responsáveis pela construção da historiografia do moderno brasileiro. Apenas Mindlin (1956) empreendeu uma leitura abrangente. Sua análise ressaltou o escalonamento entre os pavimentos, o contato direto de todos os cômodos com o solo e a utilização de pátios nas alas dos dormitórios e no prisma que ilumina a escada. Por fim, Mindlin estabeleceu elos comparativos com a residência Moreira Salles, considerando que ambas possuem o mesmo refinamento, sendo, na residência Geraldo Baptista, notável o emprego de trabalhos em pedra e a nitidez do contorno dos volumes.

⁵ A contribuição das publicações especializadas para a historiografia do moderno brasileira constitui o cerne de diversos trabalhos acadêmicos, entre os quais cabe ressaltar os de Cappello (2007), Miranda (1998) e Tinem (2002).

4.3 ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ E CENTRO CÍVICO DE CURITIBA

A construção do Centro Cívico de Curitiba constitui realização de inegável significação ao cotidiano da então pacata cidade, que almejava afirmar-se entre os principais centros de decisão do país. O arrojo do traçado urbanístico e a expressão arquitetônica dos seus edifícios visavam vincular a realização aos valores mais avançados, em termos formais e técnicos.

No campo editorial, o empreendimento integrou a pauta de revistas em três ocasiões antes mesmo de ser exposto na II EIA. Sua primeira inserção foi feita pela revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, em edição especial dedicada ao Brasil, em agosto de 1952. O artigo examinou o contexto de implantação da obra, o desenvolvimento do programa e as soluções arquitetônicas dos seus edifícios, modelados com o auxílio do modulator corbuseriano. Ilustram a reportagem duas fotografias da maquete e um estudo de implantação do conjunto.

Em julho de 1953, a revista mineira *Arquitetura e Engenharia* inseriu uma pauta dedicada ao Centro Cívico de Curitiba. A matéria mencionou a existência de um plano anterior ao projeto de Azambuja, sem entretanto fornecer detalhes sobre o plano Agache. O artigo ressaltou textualmente e por meio de uma fotografia o Palácio da Justiça e o Tribunal Eleitoral, enaltecendo a inserção de um painel de Roberto Burle Marx no Tribunal do Júri, sem indicar o nome de Flávio Amílcar Régis como o autor da concepção arquitetônica.

No mês de agosto do mesmo ano, a revista carioca *Brasil Arquitetura Contemporânea* apresentou, por meio de três reproduções fotográficas, o monumento do Centenário do Paraná, criado pelos arquitetos Régis e Redig em parceria com os escultores Erbro Stenzer e José Pedroso. A matéria descreveu a concepção plástica e o caráter simbólico da realização no âmbito do Centro Cívico de Curitiba.

Apesar de conquistar um certo destaque em diversas revistas de arquitetura no início dos anos 1950, quando integrou a II EIA, o Centro Cívico de Curitiba apenas ilustra, por meio de duas imagens, o texto introdutório do emblemático manual de Mindlin (1956). A primeira delas mostra a fachada do Palácio Iguazu, já então concluído, com indicação da autoria e data da realização. A segunda exibe a maquete do conjunto, com atribuição de todos os arquitetos envolvidos. O que poderia justificar o descaso no tratamento concedido pela publicação ao Centro Cívico de Curitiba? Por quais motivos o trabalho quase caiu no esquecimento depois de ser exposto na segunda bienal paulistana?

O ofuscamento de Azambuja e equipe não surpreende. De um lado, pode indicar uma prática rotineira, que confere maior evidência aos personagens de maior prestígio no meio. Por outro, sugere depreciação aos projetos implantados fora do eixo Rio-São Paulo. A combinação desses fatores parece ter minimizado a importância da obra para a afirmação da arquitetura moderna brasileira. Ainda que os meus julgamentos sejam falaciosos, torna-se imperativo recuperar o seu significado dentro de uma ampla trama, sob o risco de serem replicadas as narrativas consagradas pela historiografia produzida nos anos 1960 e 1970.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição da arquitetura moderna brasileira transcende qualquer fronteira cultural, temporal e geográfica. De modo similar, a obra de Olavo Redig de Campos assimilou contradições e se desdobrou em realizações de diferentes portes e destinatários. Sua maturidade profissional, observada neste ensaio, caracteriza-se pela assimilação de referências, sem subserviência, com diversas realizações do período.

Redig mostrou nas bienais as suas mais conhecidas realizações. Mas antes disso, desenvolveu intensa atividade projetual na Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Central do Brasil. No Ministério das Relações Exteriores, difundiu a cultura brasileira pelos quatro cantos do mundo. Nos seus últimos anos se manteve ativo, elaborando trabalhos relevantes ao entendimento de sua trajetória, paradoxalmente ausentes da historiografia canônica. Dos subúrbios cariocas às residências e representações oficiais, não se prendeu a estratégias predeterminados. Tampouco tornou-se ambivalente ou sem personalidade. E nem deixou de exibir um particular modo de ser brasileiro, segundo o generoso testemunho do designer Joaquim Redig.

6. REFERÊNCIAS

- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Arquitetura em revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. São Paulo: FAU/USP, 2005 (tese de doutorado).
- CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CENTRE CIVIQUE. *Boulogne-Sur-Seine, L'Architecture d'Aujourd'Hui*, v.23 n. 42-43, p. 48, ago. 1952.
- CENTRO CÍVICO DE CURITIBA. *Belo Horizonte, Arquitetura e Engenharia*, n. 27, jul./set. 1953.
- DUDEQUE, Iran Taborda. *Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2001.
- GALVÃO, Tânia Nunes. *Sérgio Rodrigues: arquiteto e desenhista de móvel*. São Paulo: FAU/USP, 2001 (dissertação de mestrado).
- GNOATO, Luís Salvador Petrucci. *Introdução ao ideário modernista na arquitetura de Curitiba (1930-1965)*. São Paulo: FAU/USP, 1997 (dissertação de mestrado).
- GONÇALVES, Josilena M. Z. *Arquitetura moderna no centenário de emancipação política do Paraná: a construção de um marco de referência*. São Carlos: EESC/USP, 2011 (dissertação de mestrado).
- GOODWIN, Philip L.; SMITH, G. E. Kidder. *Brazil builds: architecture new and old 1652-1942*. Nova York: The Museum of Modern Art, 1943.
- HERBST, Helio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: contribuições para a historiografia brasileira 1951-1959*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2011.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à crítica literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.



- LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.
- MINDLIN, Henrique E. *Modern architecture in Brazil*. Amsterdam: Rio de Janeiro: Colibris, 1956.
- MIRANDA, Clara Luiza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos: EESC/USP, 1998 (dissertação de mestrado).
- MONUMENTO DO CENTENÁRIO DO PARANÁ. Rio de Janeiro, *Brasil Arquitetura Contemporânea*, n. 1, p. 29, ago./set. 1953.
- MUELLER, Oscar. *Centro Cívico de Curitiba: um espaço identitário*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006 (dissertação de mestrado).
- NOGUEIRA, Mauro Neves. *Da análise ao projeto: elementos invariantes da qualidade do edifício*. São Paulo: FAU/USP, 2005 (tese de doutorado).
- RESIDÊNCIA DE VERÃO. São Paulo, *Acrópole*, n. 208, fev. 1956, p. 137-139.
- RESIDÊNCIA DE VERÃO, Itaipava, Estado do Rio de Janeiro. São Paulo, *Habitat*, n. 25, dez. 1955, p. 56-57.
- SANTOS, Paulo Ferreira dos. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: Fundação Educacional Rosemar Pimentel, 1977.
- TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Manufatura, 2002.
- UMA CASA NO RIO DE JANEIRO: arquiteto Olavo Redig de Campos. São Paulo, *Habitat*, n. 6, 1952, p. 56-63.
- WISNIK, Guilherme. Casa Walther Moreira Salles. São Paulo, *Monolito*, n. 8, 2012.
- XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. *Arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. São Paulo: Pini: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: RIOARTE: 1991.